

Vila Flor (futuro duque da Terceira)

1829

O povo tem morrido por deuses, e os homens medíocres têm morrido e continuarão a morrer por palavras e abstrações
(Oliveira Martins)

A elevação do infante D. Miguel ao Trono foi rigorosa usurpação, tão injusta em si quanto escandalosa nos meios
(Palmela e Guerreiro)



Do terrorismo de Estado à instituição da regência de D. Pedro

•**Da teoria da usurpação à condenação da maçonaria** – No ano de nova revolta cartista (Janeiro), do agravamento do regime de terrorismo de Estado (Abril/Maio) e do reconhecimento internacional de D. Miguel (Outubro), entre os principais livros publicados, temos, de Almeida Garrett, *Tractado de Educação*, emitido a partir de Londres, bem como para o *Manifesto dos direitos de S. M. F. A Senhora D. Maria II*, de Palmela e José António Guerreiro, onde se tenta provar a *usurpação*, porque mesmo que D. Miguel *tivesse algum direito ao Trono, já em 1828 era passado o tempo próprio para o discutir, por estar o caso irrevogavelmente decidido desde 1826*. Entretanto, a legitimidade de D. Miguel é reconhecida pelos próprios operários do Arsenal da Marinha que vão a Queluz pedir ao rei que resolva um problema de salários em atraso.

•**Os emigrados** – É a partir da Vilafrancada (1823) e do regresso de D. Miguel (1828) que se estrutura uma autêntica emigração política. Conforme salienta Vitorino Nemésio, se até 1823, a emigração portuguesa em Inglaterra *está reduzida a um núcleo de protestatários contra a sociedade velha, mais ideólogos do que díscolos, e menos díscolos do que avessos ao fácil compromisso em que se vegetava por cá*, eis que a Vilafrancada precipita em Londres o primeiro grupo de liberais já baptizados para a luta - não já os vagos jacobinos ou ajacobinados dos últimos anos lúcidos de D. Maria I e do Governo do



príncipe regente, mas os coriféus do vintismo, e até moderados ao gosto de Palmela. É então que chegam Almeida Garrett, que logo passa a editar *O Chaveco Liberal*, bem como Silva Carvalho, Ferreira Borges²¹ e Agostinho José Freire.

•**Os anglicizados** – Uma terceira leva chega a partir de Setembro de 1828, depois da *Belfastada*. Não é, pois de estranhar, que até 1832 possam recensear-se cerca de trinta e dois periódicos portugueses editados além do canal da Mancha, dos quais importa destacar: *Mercúrio Britânico* (1798-1800); *Campeão Português ou o Amigo do Rei e do Povo* (1819-1821); *Correio Braziliense* (1808-1822), do maçom Hipólito José da Costa Pereira Furtado de Mendonça (1774-1823);

O Investigador Português em Inglaterra (1811-1819), fundado por Bernardo José de Abrantes e Castro (1771-1833) bem como por Pedro Nolasco da Cunha e dirigido por José Liberato Freire de Carvalho, para além d'*O Espelho Político e Moral* (1813-1814), *O Campeão Português* (1819-1821), também dirigido por José Liberato; a que acrescem *O Padre Amaro* (1820-1826); *O Portuguesez*, de João Bernardo da Rocha Loureiro (1778-1853).

● **Os afrancesados** – Segundo o mesmo Vitorino Nemésio, os emigrantes posteriores a 1828 começam por demandar Paris, refazendo-se o tradicional partido francês, dado que por lá tinham peregrinado os soldados da Legião Portuguesa, como Gomes Freire, marcado pelas leituras de Voltaire e de Frederic de La Harpe. Agora Silva Carvalho lê, sobretudo, Montesquieu e Jean-Baptiste Say. Os Passos preferem Benjamin Constant, mas não deixam de invocar Rousseau contra os que apenas seguem Montesquieu. A penetração francesa intensificara-se durante o iluminismo de forma livresca e através das gazetas, estruturando-se um partido filsofista, marcado pelo estilo de Voltaire.

● **A Meca aristocrática** – Tudo começara, aliás, pela via aristocrática que fizera chegara aos salões e quintas de Lisboa os modelos parisienses da conversação e da dança, a toilette, os modos requintados, os francesismos vocabulares... espalhando até por ruas e becos da Baixa o tipo do peralta e respectiva proliferação (Vitorino Nemésio). Foi sobre esta prévia conformação da moda que chegou Junot e, com ele, os salões da condessa de Ega que *abriram aulas práticas de parisiânismo e francesia portas adentro do país*. E Paris continuou a ser a Meca, primeiro, pela *meia dúzia de famílias onde tradicionalmente anda o ofício de plenipotenciário*, como no caso do morgado de Mateus, com casa própria na cidade desde 1824, do marquês de Fronteira e do conde de Linhares.

● **A Babilónia do Sena** – Chega depois o grosso da emigração liberal, com José Liberato Freire de Carvalho, Seabra, Garrett, Mouzinho da Silveira, Rodrigo Pinto Pizarro, Agostinho José Freire, Saldanha, Sá da Bandeira, todos

peregrinando o que Alexandre Herculano qualificou como *a Babilónia do Sena*.

● **Revolta anti-miguelista** em Lisboa comandada pelo brigadeiro Alexandre José Moreira Freire, onde estava implicado Ferreira Borges, refugiado a bordo da fragata francesa *Thetis*, fundada no porto, com ligações ao patriarcado, bem como as marqueses de Angeja e do Alvito, visando substituir D. Miguel por D. Isabel Maria (9 de Janeiro).

● **Entre alçadas e forcas** – Enforcamento de Moreira Freire e de outros revoltosos no Cais do Sodré. Na Relação do Porto estão detidas cerca de mil pessoas (6 de Março). A decisão da alçada do Porto é emitida secretamente em 9 de Abril, apenas sendo publicitada em 4 de Maio. Execuções no Porto, Aveiro e Coimbra de vários sediciosos (7 de Maio), com requintes de malvadez, não faltando o macabro espectáculo de frades loios e oratorianos se regalaram com doces e vinhos finos, repetindo cenas dos autos de fé inquisitoriais. Seguem-se novos enforcamentos no Porto (9 de Outubro).

● **Protestos britânicos, franceses e austríacos** – O miguelismo afoga-se em sangue e os governos europeus vão protestando, desde a Inglaterra à Áustria, passando pela própria França de Carlos X, então governada por Polignac.

● **Remodelações miguelistas** – Em 20 de Fevereiro: Rio Pardo cede a pasta da guerra ao conde de São Lourenço (1794-1863). Mas este, logo no dia seguinte, demite-se, sucedendo-lhe o conde de Barbacena.

● Em 11 de Abril: Luís de Paula Furtado do Rio Mendonça é substituído na pasta da justiça por João de Matos e Barbosa de Magalhães.

● **Pedristas a caminho da Terceira** – Partem de Falmouth, com destino à Terceira, três navios com 600 homens (16 de Fevereiro). Desembarcam na ilha no dia 6 de Março. Sá Nogueira, que segue num navio que foi apresado, consegue esconder-se e é salvo pelo cônsul britânico em S. Miguel, donde consegue evadir-se.

● **Papa contra a maçonaria** – Cartacencíclica do papa Pio VIII volta a condenar a maçonaria, acusada de desviar os povos e, dentro deles, a juventude, das crenças e práticas religiosas (24 de Maio). Em 13 de

Agosto chegam a Lisboa cinco padres e dois irmãos leigos da Companhia de Jesus.

●**Regência** – Em 15 de Junho, a partir do Rio de Janeiro, é nomeada uma regência colectiva para governar a nação, constituída pelo marquês de Palmela, o conde de Vila Flor (futuro duque da Terceira) e José António Guerreiro.

●**Desembarcam os regentes** – Vila Flor, Luís da Silva Mouzinho de Albuquerque (1792-1846) e outros desembarcam na ilha Terceira (22 de Junho).

●**D. Pedro casa** com D. Amélia Augusta, neta de Josefina, a primeira mulher de Napoleão Bonaparte, em 2 de Agosto.

●**Batalha de Vila Praia, na Terceira** – Esquadra miguelista derrotada em Vila Praia, depois dita da Vitória (11 de Agosto de 1829). Saldanha, com quatro navios, vindos de França, tentara, frustradamente, desembarcar na Terceira em 6 de Janeiro, em virtude do bloqueio britânico que só acaba no mês seguinte.

📖 Marques, A. H. Oliveira (1997, III): 229; Nogueira, Franco (1971): 256; Paixão, Braga (1967): 264; Passos, Carlos de (1936): 216 ss.; Pinheiro, 1992, p. 61; Sá, Victor de (1969): 130.